



LIVRARIA LUSO-BRAZILEIRA

4-9 DE A. A. LOPES DO COUTO

30 RUA DA QUITANDA 30

Sortimento de livros classicos, Medicina,  
Jurisprudencia, Sciencias, Artes, Litteratura,  
Devoção, etc.

Encarrega-se de qualquer commissão de livros.

na n. RIO DE JANEIRO. n. n.










# OS TYMBIRAS.

P O E M A   A M E R I C A N O

POR

**A. GONÇALVES DIAS.**

CANTOS I—IV.



LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

1857.





OS TYMBIRAS.





# OS TYMBIRAS.

POEMA AMERICANO

POR

**A. GONÇALVES DIAS.**

---

LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

1857.



Á M A G E S T A D E

DO MUITO ALTO E MUITO PODEROSO  
PRINCIPE O SENHOR

**D. PEDRO II**

IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPETUO  
DO BRAZIL.



## INTRODUÇÃO.

---

Os ritos semibarbaros dos Piagas,  
Cultores de Tupan, e a terra virgem  
Donde como d'um throno, emfim se abrirão  
Da cruz de Christo os piedosos braços;  
As festas, e batalhas mal sangradas  
Do povo Americano, agora extincto,  
Hei de cantar na lyra. — Evóco a sombra  
Do selvagem guerreiro! Torvo o aspecto,  
Severo e quasi mudo, a lentos passos,  
Caminha incerto, — o bipartido arco  
Nas mãos sustenta, e dos despidos hombros  
Pende-lhe a rota aljava. as entornadas,  
Agora inuteis setas, vão mostrando  
A marcha triste e os passos mal seguros  
De quem, na terra de seos paes, embalde  
Procura asylo, e foge o humano trato.

Quem podera, guerreiro, nos seos cantos  
 A voz dos piagas teos um só momento  
 Repetir; essa voz que nas montanhas  
 Valente retumbava, e dentro d'alma  
 Vos ia derramando arrojo e brios,  
 Melhor que taças de cauim fortissimo?!  
 Outra vez a ehapada e o bosque ouvirão  
 Dos filhos de Tupan a voz e os feitos  
 E as poeemas de morte, levantadas  
 Dentro do cireo, onde o fatal delicto  
 Expia o malfadado prisioneiro,  
 Q' enxerga a maça e sente a mussurana  
 Cingir-lhe os rins a ennodoar-lhe o eorpo:  
 E só de os eseutar mais forte accento  
 Haverião de achar nos seos refolhos  
 O monte e a selva e novamente os éehos.

Como os sons do boré, sôa o meo canto  
 Sagrado ao rudo povo amerieano:  
 Quem quer que a naturessa estima e présa  
 E gôsta ouvir as empoladas vagas  
 Bater gemendo as cavas penedias,  
 E o negro bosque susurrando ao longe —  
 Eseute-me. — Cantor modesto e humilde,  
 A fronte não cingi de mirto e louro,  
 Antes de verde rama engrinaldei-a,  
 D'agrestes flores enfeitando a lyra;  
 Não me assentei nos cimos do Parnaso,



Nem vi correr a lympha da Castalia.  
Cantor das selvas, entre bravas mattas  
Aspero tronco da palmeira escolho.  
Unido a elle soltarei meo canto,  
Em quanto o vento nos palmares zune,  
Rugindo os longos encontrados leques.

Nem só me escutareis fereza e mortes:  
As lagrimas do orvalho por ventura  
Da minha lyra distendendo as cordas,  
Hão-de em parte ameigar e embrandecel-as.  
Talvez o lenhador quando acomette  
O tronco d'alto cedro corpulento,  
Vem-lhe tingido o fio da segure  
De puro mel, que abelhas fabricarão;  
Talvez tãoobem nas folhas q'engrinaldo  
A acacia branca o seo candor derrame  
E a flôr do sassafras se estrelle amiga.

---



CANTO PRIMEIRO.

---



Sentado em sitio eseuo deseauçava  
Dos Tymbiras o chefe em tronco annoso,  
Itajuba, o valente, o destemido  
Acoçador das feras, o guerreiro  
Fabricador das incansaveis lutas.  
Seo pae, chefe tambem, tambem Tymbira,  
Chamava-se o Jaguar: delle era fama  
Que os musculosos membros repellião  
A frecha sibilante, e que o seo craneo  
Da maça aos tesos golpes não cedia.  
Cria-se e em que não crê o povo stulto?  
Que um velho piaga na espelunca horrenda  
Aquello encanto, inutil n'um cadaver,  
Tirara ao pae defuncto, e ao filho vivo  
Inteiro o transmittira: é certo ao menos  
Que durante uma noite juntos forão  
O moço e o velho e o pallido cadaver.

Mas acertando um dia estar occulto  
N'um denso tabocal, onde perdera  
Traços de fera, que rever cuidava,  
Seta ligeira atravessou-lhe um braço.  
Mão d'imigo traidor a disparára,  
Ou fôra algum dos seos, que receioso  
Do mal cauzado, emmudeceo prudente.

Relata o caso, irreflectido, o chefe.  
Mal crido foi! — por abonar seo dito,  
Redobra d'imprudencia, — mostra aos olhos  
A traiçoeira frecha, o braço e o sangue.  
A fama vôa, as tribus inimigas  
Adunão-se, annotinão-se os guerreiros  
E as boccas disem: o Tymbira é morto!  
Outras emendão: Mal ferido sangra!  
Do nome do Itajuba se despega  
O medo, — um só desastre venha, e logo  
Esse encanto vae prestes converter-se  
Em riso e farça das nações vizinhas!  
Os manitós, que morão pendurados  
Nas tabas d'Itajuba, que as protejão:  
O terror do seo nome ja não vale,  
Ja defensão não é dos seos guerreiros!

Dos Gamellas um chefe destemido,  
Cioso d'alcançar renome e gloria,  
Vencendo a fama, que os sertões enchia,



Sahio primeiro a campo, armado e forte,  
 Guedelha e ronco dos sertões immensos,  
 Guerreiros mil e mil vinhão traz elle,  
 Cobrindo os montes e juncando as mattas.  
 Com pejado carcaz de ervadas setas  
 Tingidos d'urucú, segundo a usança  
 Barbara e fera, desgarrados gritos  
 Davão no meio das canções de guerra.

Chegou, e fez saber que era chegado  
 O rei das selvas a propor combate  
 Dos Tymbiras ao chefe. — „A nós só caiba  
 (Disse elle) a honra e a gloria; entre nós ambos  
 Decida-se a questão do esforço e brios.  
 Estes, que vês, impavidos guerreiros,  
 São meos, que me obedecem; se me vences,  
 São teos; se és o vencido, os teos me sigão:  
 Aceita ou foge, que a victoria é minha.“

Não fugirei, responde-lhe Itajuba,  
 Que os homens, meos iguaes, encarão fito  
 O sol brilhante, e os não deslumbra o raio.

„Serás, pois que me affrontas, torna o barbaro,  
 Do meo valor tropheo, — e da victoria,  
 Q'hei-de certo alcançar, despojo opimo.  
 Nas tabas em que habito ora as mulheres  
 Tecem da sapucaya as longas cordas,

Quo os pulsos teos hão-de arrochar-te em breve;  
 E tu vil, e tu preso, e tu coberto  
 D'escarneo e d'irrisão! — Cheio de gloria,  
 Alem dos Andes voará meo nome!“

O filho de Jaguar surrio-se a furto:  
 Assim o pae sorri ao filho imberbe,  
 Que, despresado o arco seo pequeno,  
 Talhado para aquellas mãos sem forças,  
 Tenta d'outro maior curvar as pontas,  
 Que vezes tres o mede em toda a altura!

Travarão luta fera os dois guerreiros.  
 Primeiro ambos de longe as setas vibrão;  
 Amigos manitôs, que ambos protegem,  
 Nos ares as desgarrão. Do Gamella  
 Entrou a frecha tremula n'um tronco  
 E só parou no cerne; a do Tymbira,  
 Ciciando veloz, fugio mais longe,  
 Roçando apenas os frondosos cimos.  
 Encontraõ-se os Tacápes, la se partem;  
 Ambos o punho inutil regeitando,  
 Estreitão-se valentes: braço a braço,  
 Alentando açodados, peito a peito,  
 Revolvem fundo a terra aos pés, e ao longe  
 Rouqueja o peito arfado um som confuso.

Scena vistosa! quadro apparatuso!  
 Guerreiros velhos, á victoria affeitos,

Tamanhos campeões vendo n'arena,  
E a luta horrível e o combate acceso,  
Mudos quedárão de terror transidos.  
Qual d'aquelles heróes ha-de primeiro  
Sentir o egregio esforço abandonal-o?  
Perguntão; mas não ha quem lhes responda.

São ambos fortes: o Tymbira hardido,  
Esbelto como o tronco da palmeira,  
Flexível como a frecha bem talhada.  
Ostenta-se robusto o rei das selvas;  
Seo corpo musculoso, immenso e forte  
É como rocha enorme, que desaba  
De serra altiva, e cáe no valle inteira.  
Não vale humana força desprendel-a  
D'alli, onde ella está: fugaz corisco  
Bate-lhe a calva fronte sem partil-a.

Separão-se os guerreiros um do outro,  
Foi d'um o pensamento, — a acção foi d'ambos.  
Ambos arquejão; descoberto o peito  
Arfa, estúa, eleva-se, comprime-se,  
E o ar em ondas soffregos respirão.  
Cada qual, mais pasmado que medroso,  
Se estranha a força que no outro encontra,  
A mal cuidada resistencia o irrita.  
Itajuba! Itajuba! — os seos exclamão.  
Guerreiro, tal como elle, se descora

Um só momento, é dar-se por vencido.  
 O filho de Jaguar voltou-se rapido.  
 Donde essa voz partio? quem n'o aguilhõa?  
 Raiva de tigre anuviou-lhe o rosto  
 E os olhos cõr de sangue irados pulão.

„A tua vida a minha gloria insulta!  
 Grita ao rival, e já de mais viveste.“  
 Disse, e como o condor, descendo a prumo  
 Dos astros, sobre o lhama descuidoso,  
 Pavido o prende nas torcidas garras,  
 E sóbe audaz onde não chega o raio  
 Vôa Itajuba sobre o rei das selvas,  
 Cinge-o nos braços, contra si o aperta  
 Com força incrível: o colosso vérga,  
 Inclina-se, desaba, cáe de chofre,  
 E o pó levanta e atrõa forte os echos.  
 Assim cáe na floresta um tronco annoso,  
 E o som da queda se propaga ao longe!

O fero vencedor um pé alçando,  
 Morre! — lhe brada — e o nome teo contigo!  
 O pé desceo, batendo a arca do peito  
 Do exanime vencido: os olhos turvos,  
 Levou, a extrema vez, o desditoso  
 Áquelles ceos d'azul, áquellas mattas,  
 Doce cobertas de verdura e flores!

Depois, erguendo o esqualido cadaver  
Sobre a cabeça, horrivelmente bello,  
Aos seos o mostra ensangentado e torpe;  
Então por vezes tres o horrendo grito  
Do triumpho soltou; e os seos tres vezes  
O mesmo grito em côro repetirão.  
Aquella massa emfim vôa nos ares;  
Porém na dextra do feliz guerreiro  
Dividem-se entre os dedos as melenas,  
De cujo craneo marejava o sangue!

Transbordando ufania do successo  
Inda recente, recordava as phases  
Orgulhoso o guerreiro! Ainda escuta  
A dura voz, inda a figura avista  
Desse, que ousou atravessar-lhe as sanhas:  
Lembra-se! e da lembrança grato enlevo  
Lhe côa n'alma em fogo: longos olhos,  
Em quanto assim medita, vae levando  
Por onde o céu e as selvas se confundem,  
Por onde o rio em tortuosos gyros,  
Queixoso lambe as empedradas margens.  
Assim o jugo seo não escorjassem  
Trédos Gamellas c'o a nocturna fuga!  
Perfidos! o heróe jurou vingar-se;  
Tremei! qu'ha-de o valente debellar-vos!  
E em quanto segue o ceo, e o rio, e as selvas,  
Crescem-lhe brios, força, — alteia o collo,

Fita orgulhoso a terra, onde não acha,  
Nem crê achar quem lhe resista; eis n'isto  
Reconhece um dos seos, que pressuroso  
Corre a encontral-o, — rapido caminha;  
Porém d'istante a instante, d'enfiado  
Vólta o pavido rosto, onde se pinta  
O susto vil, que denuncia o fraco.

„Ó filho de Jaguar — de longe brada,  
Neste aperto nos vale, — eil-os se avanção  
Pujantes contra nós, tão bastos, tantos,  
Como enredados troncos na floresta.

Tu sempre tremes, Jurucey, tornou-lhe  
Com voz tranquilla e magestosa o chefe.  
O mel, que em fallas sem cessar distillas,  
Tolhe-te o esforço e te enfraquece a vista:  
Amigos são talvez, amigas tribus,  
Algum chefe, que tem comnosco as armas,  
Em signal d'alliança, espedaçado:  
Vem talvez festejar o meo triumpho,  
E os seos cantores celebrar meo nome.

„Não! não! ouvi o som triste e sonoro  
Das ygaras, rompendo a custo as aguas,  
Dos remos manejados a compasso,  
E os sons guerreiros do boré, e os cantos  
Do combate; parece, d'irritado,



Tão grande pezo agora a flor lhe corta,  
Que o rio vae sorver as altas margens.“

E são Gamellas? — perguntou lhe o chefe.  
„Vi-os, tornou-lhe Jurucey, — são elles!“  
O chefe dos Tymbiras dentro d'alma  
Sentio odio e vingança remordel-o.  
Rugio a tempestade, mas lá dentro;  
Cá fóra retumbou, mas quasi extincta.  
Começa então com voz cavada e surda.

Irás tu, Jurucey, por mim diser-lhes:  
Itajuba, o valente, o rei da guerra,  
Fabricador das incansaveis lutas,  
Em quanto a maça não sopesa, em quanto  
Dormem-lhe as setas no carcaz immoveis,  
Off'rece-vos liança e paz; — não ama,  
Tigre repleto, espedaçar mais prezas,  
Nem quer dos vossos derramar mais sangue.  
Tres grandes Tabas, onde heroes pullulão,  
Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
Cahidas a seos pés, a voz lhe escutão.  
Vós outros, attendei, — cortai nas mattas  
Troncos robustos e frondosas palmas,  
E construí cabanas, — onde o corpo  
Cahio do rei das selvas, — onde o sangue  
D'aquelle heróe, vossa perfidia attesta.  
Aquella briga em fim de dois, tamanhos,

Signalai; por que estranho eaminheiro,  
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,  
 E a fé, que usais guardar, sabendo, exclamem:  
 Vejo um povo de heróes e um grande chefe!“

Disse: e vingando o cimo d'alto monte,  
 Que em roda largo espaço dominava  
 O atroador memby soprou com força.  
 O tronco, o arbusto, a moita, a rocha, a pedra,  
 Convertem se em guerreiros; — mais depressa,  
 Quando sôa o clarim, nuncio de guerra,  
 Não sopra, e escava a terra, e o ar divide  
 Co' as crinas fluctuantes, o ginete,  
 Impavido, orgulhoso, em campo aberto.

Da montanha Itajuba os vê sorrindo,  
 Galgando valles, combros, serranias,  
 Coalhando o ar e o ceo de feios gritos.  
 E folga, por que os vê correr tão prestes  
 Aos sons do cavo buzio conhecido,  
 Já tantas vezes repetidos antes  
 Por valles e por serras; já não póde  
 Numeral-os, de tantos que se apinhão;  
 Mas, vendo-os, reconhece o vulto e as armas  
 Dos seos: „Tupan sorri-se lá dos astros,  
 Diz o chefe entre si, — lá, descuidosos  
 Das folganças de Ibáke, heróes tymbiras  
 Contemplão-me, das nuvens debruçados:

E por ventura de lhes ser eu filho  
 Enlevão-se, e repetem, não sem gloria,  
 Os seus cantores d'Itajuba o nome.

Vem primeiro Jucá de féro aspecto.  
 D'uma onça bicolor cae-lhe na fronte  
 A pell' vistosa; sob as hirtas cerdas,  
 Como sorrindo, alvevão brancos dentes,  
 E nas vasias orbitas lampevão  
 Dois olhos, fulvos, máos. — No bosque, um dia,  
 A traiçoeira fera a cauda enrosca  
 E mira nelle o pulo: do tacapé  
 Jucá desprende o golpe, e furta o corpo:  
 Onde estavam seus pés, as duras garras  
 Encravão-se enganadas, e onde as garras  
 Morderão, beija a terra a fera exangue  
 E, morta, ao vencedor tributa um nome.

Vem depois Jacaré, senhor dos rios,  
 Ita-roca indomavel, — Catucába,  
 Primeiro sempre no combate, — o forte  
 Juçarána, — Poty ligeiro e dextro,  
 O tardo Japegoá, — o sempre afflicto  
 Piabilia, que espiritos perseguem:  
 Mojacá, Moperéba, irmãos nas armas,  
 Sempre unidos; ninguem não foi como elles!  
 Lagos de sangue derramarão juntos;  
 Filhos e paes e mães d'imigas tabas

Odeião-nos chorando, e a gloria d'ambos,  
Assim chorada, mais e mais se exalta:  
Çamotim, Pirajá, e outros infindos,  
Heróes tambem, aos quaes faltou somente  
Nação menor, menos guerreira tribu.

Japy, o atirador, quando escutava  
Os sons guerreiros do memby troante,  
Na tesa corda a frecha embebe inteira,  
E mira um javali que os alvos dentes,  
Navalhados, remove; pára, escuta  
Volvem-lhe os mesmos sons: bate-lhe o peito,  
Os olhos pulão, — sólta horrendo grito,  
Arranca e roça a fera! a fera attonita,  
Aterrada, tranzida, treme, erriça  
As duras cerdas; tiritante, pavida,  
Esgazeando os olhos fascinados,  
Recúa: um tronco só lhe embarga os passos.  
Por longo tracto, de si mesma alheia,  
Demora-se, lembrada: acusto o sangue  
Volve de novo ao costumado gyro,  
Em quanto o vulto horrendo se recorda!

„Mas onde está Jatyr? pergunta o chefe,  
Que de balde o procura entre os que o cercão:  
Jatyr, dos olhos negros, que me lusem,  
Melhor que o sol nascendo, dentro d'alma;  
Jatyr, que aos chefes todos anteponho,

Cuja bravura e temerario arrojo  
 Fólgo em reger e moderar nos prelios;  
 Esse, porque não vem, quando vós vindes?''

— Corre Jatyr no bosque, diz um chefe,  
 Bem sabes como: acinte se desgarrar  
 Dos nossos, — anda só, talvez sem armas,  
 Talvez bem longe; acordo nelle é certo,  
 Creio, de nos tachar assim de fracos! —

Pae de Jatyr, Ogib, entrára em annos;  
 Grosseiro cedro mal lhe firma os passos,  
 Os olhos pouco vêm; mas de conselho  
 Valioso e prestante. Alli, mil vezes,  
 Havia com prudencia temperado  
 O juvenil ardor dos seos, que o ouvião.  
 Alheio agora da prudencia, escuta  
 A voz que o filho amado lhe crimina.  
 Sopra-lhe o diser acre a cinza quente,  
 Viva, accesa, antes brasa, — o amor paterno:  
 Amor inda tão forte na velhice,  
 Como no dia venturoso, quando  
 Cendy, que os olhos seos só virão bella,  
 Sorrindo luz de amor dos meigos olhos,  
 Carinhosa lh'o deo; quando na rede  
 Ouvia com praser as ledas vozes  
 Dos companheiros seos, — e quando absorto,  
 Olhos pregados no gentil menino,

Bem longas horas, sim, porém bem doces  
Levou scismando aventuradas sinas.  
Alli o tinha, alli meigo e risonho  
Aquelles tenros braços levantava;  
Aquelles olhos limpidos se abrião  
Á luz da vida: candido sorriso,  
Como o sorrir da flor no romper d'alva,  
Radiava-lhe o rosto: quem julgára,  
Quem podera aventar, suppor ao menos  
Haverem de apertar-se aquelles braços  
Tão mimosos, um dia, contra o peito  
Arquejante e cançado, — e aquelles olhos  
Verterem pranto amargo em soledade?  
Incrível! — porém lagrimas crescerão-lhe  
Dos olhos, — lá tombou-lhe uma, das faces  
No filho, em cujo rosto um beijo a enxuga.

Agora, Ogib, alheio da prudencia,  
Que ensina, imputações tão más ouvindo  
Contra o filho querido, acre responde.

„São torpes os anúns que em bandos folgão,  
São máos os caitetus, que em varas pascem.  
Somente o sabiá geme sosinho,  
E sosinho o Condor aos céos remonta.  
Folga Jatyr de só viver comsigo:  
Em bem, que tens agora que diser-lhe?  
Esmaga o seo tacápe a quem vos prende,

A quem vos damna, afoga entre os seos braços,  
 E em quem vos accomette, emprega as setas.  
 Fraco! não temes ja que te não falte  
 O primeiro entre vós, Jatyr, meo filho? “

Despeitoso Itajuba, ouvindo um nome,  
 Embora o de Jatyr, apregoado  
 Melhor, maior que o seo, a testa enruga  
 E diz severo aos dois q'inda argumentão.

Mais respeito, mancebo, ao sabio velho,  
 Qu', eramos nós crianças, manejava  
 A seta e o arco em defensão dos nossos.  
 Tu, velho, mais prudencia. Entre nós todos  
 O primeiro sou eu: Jatyr, teo filho,  
 È forte e bravo; porém novo. Eu mesmo  
 Gabo-lhe o porte e a gentileza; e aos feitos  
 Novéis applaudo: bem maneja o arco,  
 Vibra certa a frecha; mas (Sorrindo  
 Prosegue) afóra delle inda ha quem saiba  
 Mover tão bem as armas, e nos braços  
 Robustos, afogar fortes guerreiros.  
 Jatyr virá, senão serei comvoseo,  
 (Disse voltado para os seos, que o cercão)  
 E bem sabeis que vos não falto eu nunca.

Altercão elles nas ruidosas tabas,  
 Em quanto Jurucey com pé ligeiro

Caminha: as aves docemente atitão,  
De ramo em ramo — docemente o bosque  
À medo rumoreja, — á medo o rio  
Escôa-se e murmura: um borborinho,  
Confuso se propaga, — um raio incerto  
Dilata-se do sol doirando o occaso.  
Ultimo som que morre, ultimo raio  
De luz, que treme incerta, quantos entes  
Oh! quantos! hão de ver a luz de novo  
E o romper d'alva, e os ceos, e a natureza  
Risonha e fresca, — e os sons, e os ledos cantos  
Ouvir das aves timidas no bosque  
Outra vez ao surgir da nova aurora?!

---



CANTO SEGUNDO.



Desdobra-se da noite o manto escuro:  
Leve brisa subtil pela floresta  
Enreda-se e murmura, — amplo silencio  
Reina por fim. Nem saberás tu como  
Essa imagem da morte é triste e torva,  
Se nunca, a sós contigo, a presentiste  
Longe deste zunir da turba inquieta.  
No ermo, sim; procura o ermo e as selvas  
Escuta o sôm final, o extremo alento,  
Que exhala em fins do dia a natureza!  
O pensamento, que incessante vôa,  
Vae do som á mudez, da luz ás sombras  
E da terra sem flôr, ao ceo sem astro.  
Semelha a fraca luz, qu' inda vacilla  
Quando, em ledô saráu, o extremo acorde  
No deserto salão geme, e se apaga!

Era pujante o chefe dos Tymbiras,  
Sem conto seos guerreiros, tres as tabas,

Opimas, — uma e uma derramadas  
Em gyro, como dança dos guerreiros.  
Quem não folgára de as achar nas mattas!  
Tres flores em tres hastes differentes  
N'um mesmo tronco, — tres irmãs formosas  
Por um laço de amor alli prendidas  
No ermo; mas vivendo aventuradas?  
Deo-lhes assento o heróe entre dois montes,  
Em chã copada de frondosos bosques.  
Alli o cajazeiro as perfumava,  
O cajueiro, na estação das flores,  
De vivo sangue marchetava as folhas:  
As mangas, curvas á feição de um arco,  
Beijavão-lhes o tecto; a sapucaya  
Lambia a teira, — em graciosos laços  
Doces maracujás de espessas ramas  
Sorrião-se pendentés; o páo d'arco  
Fabricava um docel de croceas flores,  
E as parasitas de matiz brilhante  
A usnea das palmeiras estrellavão!

Quadro risonho e grande, em que não fosse  
Em granito ou em marmore talhado!  
Nem palacios, nem torres avistaras,  
Nem castellos que os annos vão comendo,  
Nem grimpas, nem zimborios, nem feitas  
Em pedra, que os humanos tanto exaltão!  
Rudas palhoças só! que mais carece

Quem ha de ter somente um sol de vida,  
 Jasendo negro pó antes do occaso?  
 Que mais? Tão bem a dor ha de sentar-se  
 E a morte revoar tão sôlta em gritos  
 Alli, como nos atrios dos senhores.  
 Tão bem a compaixão ha de cobrir-se  
 De dó, limpando as lagrimas do afflicto.  
 Incertesa voraz, timida esp'rança.  
 Desejo, inquietação tambem la morão;  
 Que sóbra pois em nós, que falta nelles?

De Itajuba separão-se os guerreiros;  
 Mudos, ás portas das sombrias tabas,  
 Immoveis, nem que fossem duros troncos,  
 Pensativos meditação: Já da guerra  
 Nada receião que Itajuba os manda:  
 O encanto, os manitôs inda o protegem,  
 Vela Tupan sobre elle, e os sanctos piagas  
 Comprida serie de floridas quadras  
 Ver lhe assegurão: nem de ha pouco a luta,  
 Melhor disseras de renome ensejo,  
 Os desmentio, que nunca os piagas mentena.  
 Medo, certo, não têm; são todos bravos!  
 Por que meditação pois? Tambem não sabem!

Sahe o piaga no emtanto da caverna,  
 Que nunca humanos olhos penetrarão;  
 Com ligeiro sendal os rins aperta,

Cocar de escuras plumas se debruça  
Da frente, em que se enxerga em fundas rugas  
O tenaz pensamento afigurado.  
Cercão-lhe os pulsos cascaveis loquases,  
Respondem outros, no tripudio sacro,  
Dos pés. Vem magestoso, e grave, e cheio  
Do Deos, que o peito seo, tão fraco, habita.  
E em quanto o fumo lhe voltaia em torno,  
Como neblina em torno ao sol que nasce,  
Ruidoso maracá nas mãos sustenta,  
Sólta do sacro rito os sons cadentes.

---

„Visita-nos Tupan, quando dormimos,  
E' só por seo querer que então sonhamos;  
Escute-me Tupan! Sobre vós outros,  
Poder do maracá por mim tangido,  
Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.

„O poder de Anhangá cresce co'a noite;  
Sólta de noite o máo seos máos ministros:  
Caraiêbes na floresta accendem  
A falsa luz, que o caçador transvia.  
Caraiêbes enganosas formas  
Dão-nos aos sonhos, quando nós sonhamos.  
Poder do fumo, que lhes quebra o encanto,  
De vós se partãõ; mas Tupan vos olhe,  
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce.

„Tristonhos pios a acauán desata,  
Quando ao guerreiro prognostica males;  
Tristonhos bandos de urubús vorazes  
Os sonhos turbão das vencidas hostes:  
Cheios de medo os manitôs desertão  
As tabas mudas, que hão de ser calcadas,  
Ja cinza fria, pelo imigo fero.  
Não fujão Manitôs as nossas tabas!  
Urubús, acáuans nos vossos sonhos,  
Virtude e força deste meo tripudio,  
Não se vos pintem; mas Tupan vos olhe  
Descendo os sonhos, quando o orvalho desce!

„O sonho e a vida são dois galhos gemeos;  
São dois irmãos que um laço amigo aperta:  
A noite é o laço; mas Tupan é o tronco  
E a seve e o sangue que circula em ambos.  
Vive melhor quem da existencia ignaro,  
Na paz da noite, novas forças cria.  
O louco vive com aferro, em quanto  
N'alma lhe ondeião do delirio as sombras,  
De vida espurias; Deos porém lh'as rompe,  
E na loucura do porvir nos falla!  
Tupan vos olhe, e sobre vós do Ybake  
Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.“

Assim cantava o piaga merencorio,  
Tangia o maracá, dançava em roda

Dos guerreiros: podéra ouvido attento  
Os sons finaes da lugubre toada  
Na placida mudez da noite amiga  
De longe, em côro ouvir: „Sobre nós outros  
Os sonhos desçãõ, quando o orvalho desce.“

Calou-se o piaga, ja descansão todos!  
Almo Tupan os communique em sonhos,  
E os que sabem tão bem vencer batalhas,  
Quando acordados malbaratão golpes,  
Saibão dormidos figurar triunfos!

Mas que medita o chefe dos Tymbiras?  
Bosqueja por ventura ardiz de guerra,  
Fábrica e enreda as asperas ciladas,  
E a olhos nús do pensamento enxerga  
Desfeita em sangue revolver-se em gritos  
Morte pavida e má?! ou sente e avista,  
Escandecida a mente, o Deos da guerra  
Impavido Areski, sanhudo e forte,  
Calcar aos pés cadaveres sem conto,  
Na dextra ingente sacudindo a maça,  
Donde certaíra come o raio, desce  
A morte, e banha-se orgulhosa — em sangue?

Al sente o bravo; outro pensar o occupa!  
Nem Areskí, nem sangue se lhe antolha,  
Nem resolve comsigo ardiz de guerra,



Nem combates, nem lagrimas medita:  
Sentio calar-lhe n'alma um sentimento  
Gelado e mudo, como o véo da noite.  
Jatyr, dos olhos négros, onde pára?  
Que faz? que lida? ou que fortuna corre?  
Tres sóes ja são passados: quanto espaço,  
Quanto azar não correo nos amplos bosques  
O improvido mancebo aventureiro?  
Alli na relva a cascavel se esconde,  
Alli, das ramas debruçado, o tigre  
Aferra traiçoeiro a presa incauta!  
Reserve-lhe Tupan mais fama e gloria,  
E voz amiga de cantor suave  
C'os altos feitos lhe embalsame o nome!

Assim discorre o chefe, que em nodoso  
Tronco rudo-lavrado se recosta:  
Não tem poder a noite em seos sentidos,  
Que a mesma ideia de continuo volvem.  
Vela e treme nos tectos da cabana  
A baça luz das resinosas tochas,  
Acre perfumes recendendo; — alastrão  
De rubins côr de brasa a flôr do rio!

„Ouvira com prazer um triste canto,  
Diz la comsigo; um canto merencorio,  
Que este presagio funebre espancasse.  
Bem sinto um não sei quê aferventar-se-me

Nos olhos, que vae prestes expandir-se:  
 Não sei chorar, bem sei; mas fôra grato,  
 Talvez bem grato! á noite, e a sós commigo,  
 Sentir macias lagrimas correndo.  
 O talo agreste de um cipó sem graça  
 Verte compridas lagrimas cortado;  
 O tronco do cajá desfas-se em goma,  
 Supira o vento, o passarinho canta,  
 O homem chora! eu só, mais desditoso,  
 Invejo o passarinho, o tronco, o arbusto,  
 E quem, feliz, de lagrimas se paga.“

Longo espaço depois fallou comsigo,  
 Mudo e sombrio: „Sabiá das matas,  
 Croá (diz elle ao filho d'Yandyroba),  
 As mais canoras aves, as mais tristes  
 No bosque, a suspirar contigo aprendão.  
 Canta, pois que trocára de bom grado  
 Os altos feitos pelos doces carmes  
 Quem quer que os escutou, mesmo Itajuba.

Emmudeceo: na taba quasi escura,  
 Com pé alterno a dança vagarosa,  
 Aos sons do maracá, traçava os passos.

„Flôr de belleza, luz de amor, Coema,  
 Murmurava o Cantor, onde te foste,  
 Tão doce e bella, quando o sol raiava?

Coema, quanto amor que nos deixaste?  
 Eras tão meiga, teo sorrir tão brando,  
 Tão macios teos olhos! teos accents  
 Cantar perenne, tua voz gorgeios,  
 Tuas palavras mel! O, romper d'alva,  
 Se encantos punha a par dos teos encantos,  
 Tentava embalde pleitear contigo!  
 Não tinha a ema porte mais soberbo,  
 Nem com mais graça recurvava o collo!  
 Coema, luz de amor, onde te foste?

„Amava-te o melhor, o mais guerreiro  
 D'entre nós: elegeo-te companheira,  
 A ti somente, que só tu achavas  
 Sorriso e graça na presença delle.  
 Flôr, que nasceste no musgoso cedro,  
 Cobravas pareas de abundante seiva,  
 Tinhas abrigo e protecção das ramas.  
 Que vendaval te despegou do tronco,  
 E ao longe, em pó, te esperdiçou no valle?  
 Coema, luz de amor, flôr de belleza,  
 Onde te foste, quando o sol raiava?

„Anhangá rebocou estreita ygara  
 Contra a corrente: Orapacên vem nella,  
 Orapacên, Tupinambá famoso.  
 Conta prodigios d'uma raça estranha,  
 Tão alva como o dia, quando nasce,

Ou como a areia candida e lusente,  
 Que as aguas d'um regato sempre lavão.  
 Raça, a quem os raios promptos servem,  
 E o trovão e o relampago acompanhão.  
 Já de Orapacên os mais guerreiros  
 Mordem o pó, e as tabas feitas cinza  
 Clamão vingança em vão contra os estranhos,  
 Talvez d'outros estranhos perseguidos,  
 Em punição talvez d'atroz delicto.  
 Orapacên, fugindo, brada sempre:  
 Maír! Maír! Tupan! — Terror que mostra,  
 Brados que sólta, e as derrocados tabas,  
 Desde Tapuytapéra alto proclamação  
 Do vencedor a indomita pujança.  
 Ai! não viesse nunca as nossas tabas  
 O tapuya mendaz, que os bravos feitos  
 Narrava do Maír; nunca os ouviras,  
 Flôr de bellesa, luz de amor, Coema!

„A cêga desventura, nunca ouvida,  
 Nos move á compaixão: prestes corremos  
 Com ledo gasalhado a restaural-os  
 Da vil dureza do seo fado: dormem  
 Nas nossas redes, deligentes vamos  
 Colher-lhes fructos, — descansados folgão  
 Nas nossas tabas: Itajuba mesmo  
 Offrece abrigo ao palrador tapuya!  
 Hospedes são, nós diz; Tupan os manda:

Os filhos de Tupan serão bem vindos,  
 Onde Itajuba impera! — Ai que não erão,  
 Nem filhos de Tupan, nem gratos hospedes  
 Os vis que o rio, a custo, nos trouxera;  
 Antes dolosa resfriada serpe  
 Que ao nosso lar creou vida e peçonha.  
 Quem nunca os vira! porêm tu, Coema,  
 Leda avesinha, que adejavas livre,  
 Azas da côr da prata ao sol abrindo,  
 A serpente cruel por que fitaste,  
 Se já do olhado máo sentias pejo?!

„Ouvimos, uma vez, da noite em meio,  
 Voz de afficta mulher pedir soccorro  
 E em tom sumido lastimar-se ao longe.  
 Orapacen! — bradou feroz tres vezes  
 O filho de Jaguar: clamou de balde.  
 Somente acode o echo á voz irada,  
 Quando elle o malfeitor no instincto enxerga.  
 Em sanhas rompe o chefe hospitaleiro,  
 E tenta com affan chegar ao termo,  
 Donde as querellas misereras partião.  
 Chegou — já tarde! — nós, mais tardos inda,  
 Assistimos ao subito espectaculo!

„Queimão-se raros fogos nas desertas  
 Margens do rio, quasi immerso em trevas:  
 Afadigados no labor nocturno,

Os traiçoeiros hospedes caminhão,  
 Pejando á pressa as concavas ygaras.  
 Longe, Coema, a doce flôr dos bosques,  
 Com voz de embrandecer duros penhascos,  
 Supplica e roja em vão aos pés do fero,  
 Cavilloso tapuya! Não resiste  
 Ao fogo da paixão, que dentro lavra,  
 O barbaro, que a vio, que a vê tão bella!

„Vai arrastal-a, — quando sente uns passos  
 Rápidos, breves, — volta se: — Itajuba!  
 Grita; e os seos, medrosos, receiando  
 A perigosa luz, os fogos matão.  
 Mas, no extremo clarão que elles soltarão,  
 Vio-se Itajuba com seo arco em punho,  
 Calculando a distancia, a força e o tiro:  
 Era grande a distancia, a força immensa. “

„E a raiva incrível, continúa o chefe,  
 A antiga cicatriz sentindo abrir-se!  
 Ficou-me o arco em dois nas mãos partido,  
 E a frecha vil cahio-me aos pés sem força.“  
 E assim disendo nos cerrados punhos  
 De novo pensativo a frente opprime.

„Sim, tornava o Cantor, immenso e forte  
 Devera o arco ser, que entre nós todos  
 Só um achou, que lhe vergasse as pontas,

Quando Jaguar morreo! — partio-se o arco!  
 Depois ouviu-se um grito, após ruído,  
 Que as águas fasem no tombar de um corpo;  
 Depois — silencio e trevas . .

„Nessas trevas,  
 Replicava Itajuba, — inteira a noite,  
 Louco vaguei, corri d'encontro as rochas,  
 Meo corpo lacerei nos espinheiros,  
 Mordi sem tino a terra já cançado:  
 Soluçavão porêem meos frouxos labios  
 O nome della tão querido, e o nome  
 Aos vis Tupinambas nunca os eu veja,  
 Ou morra, antes de mim, meo nome e gloria  
 Se os não hei de punir ao recordar-me  
 A aurora infausta que me trouxe aos olhos  
 O cadaver . .“ parou, que a estreita gorja  
 Recusa aos cavos sons prestar accento.

„Descança agora o pallido cadaver  
 (Continúa o cantor) junto a corrente  
 Do regato, que volve areias d'ouro.  
 Alli agrestes flores lhe matisão  
 O modesto sepulcro, — aves canóras  
 Descantão tristes nenias ao compasso  
 Das águas, que tambem nenias soluçãõ.

„Suspirada Coema, em paz descança  
 No teo florido e funebre jazigo;

Mas quando a noite dominar no espaço,  
 Quando a lúá coar humidos raios  
 Por entre as densas, buliçosas ramas,  
 Da candida neblina véste as formas,  
 E vem no bosque suspirar co'a brisa:  
 Ao guerreiro, que dorme, inspira sonhos,  
 E á virgem, que adormece, amor inspira“

Calou-se; o maracá rugio de novo  
 A extrema vez, e jaz emmudecido.  
 Mas no remanso do silencio e trevas,  
 Como debil vagido, escutarias  
 Queixosa voz, que repetia em sonhos:  
 „Veste, Coema, as formas da neblina,  
 Ou vem nos raios tremulos da lúá  
 Cantar, viver e suspirar commigo.“

---

Ogib, o velho, pae do aventureiro  
 Jatyr, não dorme nos vasios tectos:  
 Do filho ausente prendem-no cuidados;  
 Vela cançado e triste o pae coitado,  
 Lembrando-se desastres que passarão  
 Improvidos, no bosque pernoitando.  
 E vela, — e a mente afflictta mais se enluta,  
 Quanto mais cresce a noite e as trevas crescem!

Ja tarde, sente uns passos apressados,  
 Medindo a taba escura; o velho treme,



Estende a mão convulsa, e roça um corpo  
Molhado e tiritante: a voz lhe falta  
Attende largo espaço, até que escuta  
A voz do sempre afflicto Piahiba,  
Ao pé do fogo extinto lastimar-se.

„O louco Piahiba, a noite inteira,  
Andou nas matas; miserando soffre;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas:  
Como o verme na fructa, um Deos maligno  
Lhe mora na cabeça, oh! quanto soffre!

„Em quanto o velho Ogib está dormindo,  
Vou-me aquecer;  
O fogo é bom, o fogo aquece muito;  
Tira o soffrer.  
Em quanto o velho dorme, não me expulsa  
D'ao pé do lar;  
Dou-lhe a mensagem, que me deo a morte,  
Quando acordar!  
Eu vi a morte; vi-a bem de perto  
Em hora má!  
Vi-a de perto, não me quiz comsigo,  
Por ser tão má.  
Só não tem coração, dizem os velhos,  
E é bem de ver;  
Que, se o tivera, me daria a morte,

Que é meo querer.  
 Não quiz matar-me; mas é bem formosa;  
 Eu vi-a bem:  
 É como a virgem, que não tem amores,  
 Nem odios tem.  
 O fogo é bom, o fogo aquece muito,  
 Quero-lhe bem!“

Remexe, assim disendo, as frias cinzas  
 E mais e mais conchega-se ao borrarho.  
 O velho em tanto, erguido a meio corpo  
 Na rede, escuta pavido, e tiritita  
 De frio e medo, — quasi igual delirio  
 Castiga-lhe as ideias transtormadas.

„Ja me não lembra o que me disse a morte!...  
 Ah! sim, já sei!  
 — Junto ao sepulcro da fiel Coema,  
 Alli serei:  
 Ogib empraso, que a fallar me venha  
 Ao anoitecer! —  
 O velho Ogib hade ficar contente  
 Co'o meo diser;  
 Talvez que o velho, que viveo já muito,  
 Queira morrer!“

Emmudeceo: alfim tornou mais brando.

„Mas dizem que a morte procura mancebos;  
 Porém tal não é:

Que colhe as florinhas abertas de fresco  
 E os fructos no pé?!  
 Não, não, que só ama sem folhas as flores,  
 E sem perfeição;  
 E os fructos perdidos, que apanha golosa,  
 Cahidos no chão.  
 Tambem me não lembra que tempo hei vivido,  
 Nem por que razão  
 Da morte me queixo, que vejo, e não vê-me,  
 Tão sem compaixão.“

As ancias não vencendo, que o soçobião  
 Salta da curva rede Ogib afflicto;  
 Tremulo as trevas apalpando, topa,  
 E roja miserando aos pés do louco.

„Oh! dise-me, se a viste, e se em tua alma  
 Algum sentir humano inda se aninha,  
 Jatyr, que é feito delle? Disse a morte  
 Haver-me cubiçado o moço imberbe,  
 A cara luz dos meos cançados olhos?  
 O dise-o! Assim o espirito inimigo  
 Folgados annos respirar te deixe!“

O louco ouviu nas trevas os soluços  
 Do velho, mas seos olhos nada alcanção:  
 Pasma, e de novo o seo cantar começa:  
 „Em quanto o velho dorme não me expulsa  
 D'ao pé do lar.“

— „Mas expulsei-te eu nunca?  
Tornava Ogib a desfazer-se em pranto,  
Em ancias de transido desespero.  
Bem sei que um Deos te mora dentro d'alma;  
E nunca houvera Ogib de espancar-te  
Do lar, onde Tupan é venerado.  
Mas falla! oh! falla, uma só vez repete-o:  
Vagaste á noite nas sombrias matas .“

„Silêncio! brada o louco: não escutas?!  
E pára, como ouvindo uns sons longinquos.  
Depois prosegue: „Piahiba o louco  
Errou de noite nas sombrias matas;  
O corpo tem aberto em fundas chagas,  
E o orvalho gotejou fogo sobre ellas.  
Geme e soffre e sente fome e frio,  
Nem ha quem de seos males se condôa.  
Oh! tenho frio! o fogo é bom, e aquece,  
Quero-lhe bem!“

„Tupan, que tudo podes,  
Orava Ogib em lagrimas desfeito,  
A vida inutil do cançado velho  
Toma, se a queres; mas que eu veja em vida  
Meo filho, e só depois me colha a morte.“

---

**CANTO TERCEIRO.**

---



Era a hora em que a flôr balança o calix  
Aos doces beijos da serena brisa,  
Quando a ema soberba alteia o collo,  
Roçando apenas o matiz relvoso;  
Quando o sol vem doirando os altos montes,  
E as ledas aves á porfia trinão,  
E a verde coma dos frondosos cerros  
Move o perfume, que embalsama os ares;  
Quando a corrente meio occulta sôa  
De sob o denso veô da parda nevoa,  
Quando nos pannos das mais brancas nuvens  
Desenha a aurora melindrosos quadros  
Gentiz orlados com listões de fogo;  
Quando o vivo carmin do esbelto cactus  
Refulge á medo abrilhantado esmalte,  
Doce poeira de aljofradas gotas,  
Ou pó subtil de perolas desfeitas.

Era a hora gentil, filha de amores,  
Era o nascer do sol, libando as meigas,

Risonhas faces da lusente aurora!  
 Era o canto e o perfume, a luz e a vida,  
 Uma só coisa e muitas, — melhor face  
 Da sempre vária e bella natureza:  
 Um quadro antigo, que ja vimos todos,  
 Que todos com praser vemos de novo.

Ama o filho do bosque contemplar-te,  
 Risonha aurora, — ama acordar contigo;  
 Ama espreitar nos ceos a luz que nasce,  
 Ou rosea ou branca, ja carmim, ja fogo,  
 Ja timidos reflexos, ja torrentes  
 De luz, que fere obliqua os altos cimos.  
 Amavão contemplar-te os de Itajuba  
 Impavidos guerreiros, quando as tabas  
 Immensas, que Jaguar fundou primeiro  
 Crescião, como crescem gigantescos  
 Cedros nas matas, prolongando a sombra  
 Longe nos valles, — e na copa excelsa  
 Do sol estivo os abrasados raios  
 Parando em vasto leito de esmeraldas.

As tres formosas tabas de Itajuba  
 Ja forão como os cedros gigantescos  
 Da corrente impedrada: hoje acamados  
 Fosseis que dormem sob a terrea crusta,  
 Que os homens e as nações por fim sepultão  
 No bojo immenso! — Chame-lhe progresso



Quem do exterminio secular se ufana;  
Eu modesto cantor do povo extinto  
Chorarei nos vastissimos sepulcros,  
Que vão do mar aos Andes, e do Prata  
Ao largo e doce mar das Amasonas.  
Alli me sentarei meditabundo  
Em sitio, onde não oição meos ouvidos  
Os sons frequentes d'Europeus machados  
Por mãos de escravos Afros manejados:  
Nem veja as matas arrasar, e os troncos,  
D'onde chorando a preciosa goma,  
Resina virtuosa e grato incenso  
A nossa incuria grande eterno assellão;  
Em sitio onde os meos olhos não descubraão  
Triste arremedo de longinquas terras.  
Aos crimes dos nações Deos não perdôa;  
Do pae aos filhos e do filho aos netos,  
Por que um delles de todo apague a culpa,  
Virá correndo a maldicção — continua,  
Como fuzis de uma cadeia eterna.  
Virão nas nossas festas mais solemnes  
Myriadas de sombras miserandas  
Escarnecendo, seccar o nosso orgulho  
De nação; mas nação que tem por base  
Os frios ossos da nação senhora,  
E por cimento a cinza profanada  
Dos mortos, amassada aos pés de escravos.  
Não me deslumbra a luz da velha Europa;

Hade apagar-se, mas que a innunde agora:  
 E nós!       sucamos leite máo na infancia,  
 Foi corrompido o ar que respiramos,  
 Havemos de acabar talvez primeiro.

America infeliz! — que bem sabia,  
 Quem te creou tão bella e tão sosinha,  
 Dos teos destinos máos! Grande e sublime  
 Corres de polo a polo entre os dois mares  
 Maximos do globo: annos da infancia  
 Contavas tu por seculos! que vida  
 Não fôra a tua na sazão das flores!  
 Que magestosos fructos, na velhice,  
 Não deras tu, filha melhor do Eterno;  
 America infeliz, ja tão ditosa  
 Antes que o mar e os ventos não trouxessem  
 A nós o ferro e os cascaveis da Europa?!  
 Velho tutor e aváro cubiçou-te,  
 Desvalida pupilla, a herança pingue  
 E o brilho e os dotes da sem par belleza!  
 Cedeste, fraca; e entrelaçaste os annos  
 Da mocidade em flôr — ás cans e a vida  
 Do velho, que ja pende e ja declina  
 Do leito conjugal immerecido  
 Á campa, onde talvez cuida encontrar-te!

Tu, filho de Jaguar, guerreiro illustre,  
 E os teos, de que então vos occupaveis,

Quando nós vossos mares alinhadas  
As náos de Hollanda, os galeões de Hespanha,  
As fragatas de França, e as caravellas  
E portuguezas naós se abalroavão,  
Retalhando entre si vosso dominio,  
Qual se vosso não fora? Ardia o prelio,  
Fervia o mar em fogo a meia noite,  
Nuvem de espesso fumo condensado  
Toldava astros e ceos; e o mar e os montes  
Acordavão rugindo aos sons troantes  
Da insolita peleja! — Vós, guerreiros,  
Vós, que fasieis, quando a espavorida,  
Fera bravia procurava azilo  
Nas fundas matas, e na praia o monstro  
Marinho, a quem o mar, ja não seguro  
Reparo contra a força e industria humana,  
Lançava alheio e pavidó na areia?  
Agudas setas, validos tacápes  
Fabricavão talvez! ai não capellas,  
Capellas ennastravão para ornato  
Do vencedor; — grinaldas penduravão  
Dos alindados tectos, por que vissem  
Os forasteiros, que os paternos ossos  
Deixando atraz, sem manitôs vagavão,  
Os filhos de Tupan como os hospedão  
Na terra, a que Tupan não dera ferros!

---

Rompia a fresca aurora, rutilando  
Signaes de um dia limpido e sereno.  
Então vinhão sahindo os de Itajuba  
Fortes guerreiros a contar os sonhos  
Com que Tupan amigo os bafejara,  
Quando as estrellas pallidas tombavão,  
Já de clarão maior esmorecidas.  
Vinhão ledos ou tristes na apparencia,  
Timoratos ou cheios de hardimento,  
Como o futuro evento se espelhava  
Nos sonhos, bons ou máos; mas accordal-os  
Disparatados, e o melhor de tantos  
Colligir, era missão mais alta.  
Não fosse o piaga interprete divino,  
Nem os seos olhos penetrantes vissem  
O porvir, ao travez do véo do tempo,  
Como ao travez do corpo a mente enchergão;  
Não fosse, e quem ha hi que se afoutasse  
Em campo de batalha a expor a vida,  
A vida nossa tão querida, e tanto  
Da flôr a vida breve semilhando:  
Roaz insecto a vae traçando em gyro,  
Nem mais revive uma só vez cortada!

Mande porém Tupan seos gratos filhos,  
Rogados sonhos, que os decifra o piaga:  
E Tupan, de benigno os influe sempre  
Em vesp'ras de batalha, como as chuvas

Descem, quando a terra humores pede,  
Ou como, em sação propria, brotão flores.

Postão-se em forma de crescente os bravos:  
Avida turba mulheril no emtanto  
O rito sacro impaciente aguarda.  
Brincão na relva os folgasões meninos,  
Em quanto, os mais crescidos, contemplando  
O aparato electrico das armas,  
Enlevão-se; e, mordidos pela inveja,  
Discorrem lá comsigo: Quando havemos,  
Nós outros, d'empunhar d'aquelles arcos,  
E quando levaremos de vencida  
As hostes vis do perfido Gamella!

Vem por fim Itajuba. O piaga austero,  
Volvendo o maracá nas mãos myrrhadas,  
Pergunta: „Foi o espirito comvosco;  
O espirito da força, e os ledos sonhos,  
Ministros de Tupan, nuncios da gloria?“  
— Sim, forão, lhe respondem, ledos sonhos,  
Corréios de Tupan; mas o mais claro,  
E' duro nó que o piaga só desata.  
„Disei-os pois que vos escuta o piaga.“  
Disse, e maneja o maracá: das boccas  
Do misterio divino, em puros focos  
De neve, o fumo em borbotões golfeja.

Diz um que divagando em matas virgens,  
Sentira a luz fugir-lhe de repente  
Dos olhos, — se não foi que a natureza,  
Por magico feitiço transtornada,  
Vestia por si mesma novas gallas  
E aspectos novos, — nem as elegantes,  
Viçosas trepadeiras, nem as redes  
Agrestes do cipó ja divisava.  
Em logar da floresta, uma clareira  
Relvosa descobria, em vez das arvores  
Tão altas, de que havia pouco o bosque  
Parecia ufanar-se, — um tronco apenas,  
Mas tronco tal que os resumia a todos.

Alli sosinho o tronco agigantado  
Luxuriava em folhas verde-negras,  
Em flores côr de sangue, e na abundancia  
Dos fructos, como nunca os vio nas matas;  
Tão alvos como a flôr do mamãozeiro,  
De macia pennugem debruados.

„Extatico de os ver alli tão bellos  
Taes fructos, que eu algures nunca vira,  
O barbaro disia, fui colhendo  
O melhor, por que o visse de mais perto.  
Pezar de não saber se era salubre,  
Anciava gostal-o, e em dura lida  
Lutava o meo desejo co'a prudencia.  
Venceo aquelle! ai não vencesse nunca!

Nunca, ludibrio vão dos meos desejos,  
 Mordessem-n'ò meos labios resequidos.  
 Contal-o me arripia! — Mal o tóco,  
 Força-me a regeital-o um quê de occulto,  
 Que os nervos me estremece: a cauza inquirò ..  
 Eis que uma cobra, uma coral, de dentro  
 Desdobra o corpo lubrico, e em tres voltas,  
 Mal grata armilla, me circunda o braço.  
 Da vista e do contacto horrorisado,  
 Sacudo o extranho ornato; em vão me agito:  
 Com quanto mais affan tento livrar-me,  
 Mais apertado o sinto. — Nisto acórdo,  
 Humido o corpo e fatigado, e a mente  
 Molesta ainda do combate inglorio.  
 O que é, não sei; tu sabes tudo, ó piaga:  
 Ha hi talvez razão que eu não alcanço,  
 Que certo isto não é sonhar batalhas.“

„Haja sentido occulto no teo sonho,  
 (Diz ao guerreiro o piaga) eu, que levanto  
 O véo do tempo, e aos mortaes o mostro,  
 Dirt' o-hei por certo; mas eu creio e tenho™  
 Que algum genio turbou-te a fantasia,  
 Talvez angoéra de traidor Gamella;  
 Que os Gamellas são perfidos em morte,  
 Como em vida — Assim é, diz Itajuba.

Outro sonhou caçadas abundantes,  
 Temiveis caitetés, pacas ligeiras,

Coatis e jabotins, — té onça e tigres,  
 Tudo em rimas, em feixes: outro em sonhos  
 Nada disto enxergou; porém cardumes  
 De peixes varios, que o timbó prestante  
 Trasia quasi a mão, se não fechados  
 Em mondés espaçosos! — gaudio immenso!  
 De os ver alli raivando na estacada  
 Tão grandes serubins, trauíras tantas,  
 Ou boiando sem tino á flôr das aguas!

„Outros não virão nem mondés, nem peixes,  
 Nem aves, nem quadrupedes; mas grandes  
 Çamotins transbordando argentea espuma  
 Do fervente cauím; e por tres noites  
 Gyrar em roda a taça do banquete,  
 Em quanto cada qual memora em cantos  
 Os feitos proprios: reina o guáu, que passa  
 D'estes áquelles com cadencia alterna.

„O piaga exulta! Eu vos auguro, ó bravos  
 Do heróe Tymbira (clama entusiasta)  
 Leda victoria! Nunca em nossas tabas  
 Haverá de correr melhor folgança,  
 Nem ganhareis jamais honra tamanha.  
 Bem sabeis como é de uso entre os que vencem  
 Festejar o triunfo: o canto e a dança  
 Marchão de par, — banquetes se preparão,  
 E a gloria da nação mais alta brilha!



Oh! nunca sobre as tabas de Itajuba  
 Haverá de nascer mais grata aurora!“

Soão festivos gritos, e as pocemas  
 Dos guerreiros, que soffregos escutão  
 Do piaga os ditos, e o feliz augurio  
 Da proxima victoria. Não dissera,  
 Quem quer que fosse extranho aos usos delles,  
 Senão que por aquella densa pinha  
 De vulgo, se espalhára a fausta nova  
 De gloriosa acção já consumada,  
 Que os seos, validos da victoria, obrarão.

Emtanto Japegoá posto de parte,  
 Em quanto lavra em todos o contagio  
 Da gloria e do praser, -- bem claro mostra  
 No rosto descontente o que medita.  
 „Praser que em altos gritos se propala,  
 Discorre la comsigo o Americano,  
 E'como a chamma rapida correndo  
 Nas folhas da pindoba: é falso e breve!“

Attenta nelle o chefe dos Tymbiras,  
 Como que interno, igual presentimento  
 Regeita, seo máo grado, a voz do piaga.  
 „Que pensa Japegoá? Acaso em sonhos  
 Tremendo e torvo se lhe antolha o exito  
 Da batalha? ou seja, ou não comnosco,  
 Que tarda em nos diser seo pensamento?“

„Eu vi“, diz Japegoá (e assim disendo,  
Sacode vezes tres a fronte adusta,  
Onde gravára da prudencia o sello  
Continuo meditar). „Vi altos combros  
De mortos ja pollutos, — vi lagôas  
Brutas de sangue impuro e negrejante;  
Vi setas e carcaz espedaçados,  
Tacápes adentados, ou partidos  
Ou ja sem fio! — vi .“ Eis Catucaba  
Mal soffrido intervem, interrompendo  
A narração do sonhador de males.  
Bravo e hardido como é, nunca a prudencia  
Lhe foi virtude, nem por tal a acceita.  
Nunca o memby guerreiro em seos ouvidos  
Troôu medo, inospito combate,  
Que as armas não corresse o valeroso,  
Intrepido soldado; mais que tudo  
Amava a luta, o sangue, vascas, transes,  
Convulsos arrepios, altos gritos  
Do vencedor, imprecações sumidas  
Do que, vencido, jaz no pó sem gloria.  
Sim, ama e quer o trafego das armas  
Talvez melhor que a si; nem mais risonha  
Imagem se lhe antolha, nem ha cousa  
Que tenha em mais apreço ou mais cubice.  
O p'rígo mesmo, o leite dos combates,  
(Cauim das almas fortes o chamava)  
Era sorte e condão que o electrisava:

Um p'riço que aventasse era feitiço,  
Que em delirio de febre o transtornava.  
Fanatico de si, ébrio de gloria,  
Lá se arrojava intrepido e brioso,  
Onde pior, onde mais negro o via.

Não erão dois na esquadra de Itajuba  
De genios em mais pontos encontrados:  
Por isso em luta sempre. Catucaba,  
Fragueiro, inquieto, sempre aventureoso,  
Em cata de mais gloria e mais renome,  
Sempre á mira de encontros arriscados,  
Sempre o arco na mão, sempre embebida  
Na corda tesa a frecha equilibrada.  
Ninguem mais solto em vozes, mais galhardo  
No guerreiro desplante, ou que mostrasse  
Atrevido e soberbo e forte em campo  
Quer pujança maior, quer mais orgulho.

Japegoá, corajoso, mas prudente,  
Evitava o conflicto; via o risco,  
Media o seo poder e as posses delle  
E o azar da luta e descançava em ocio.  
Sua propria indolencia revelava  
Animo grande e não vulgar coragem.  
Se fosse lá nos paramos da Libia,  
Deitado á sombra da arvore gigante  
O leão da Numidia bem podéra

Trilhar por junto delle os move-diços  
Combros de areia, — amedrontando os ares  
Com aquelle bramir agreste e rudo,  
Que as feras sem terror ouvir não sabem.  
O indio ouvira impavido o rugido,  
Sem que o terror lhe distingisse as faces;  
E ao rei dos animaes voltando o rosto,  
Somente por que mais á geito o visse,  
Viras ambos, sombrios, magestosos,  
Contemplarem-se á espaço, destemidos;  
D'extranhese o leão os seus rugidos  
Na gorja suffocar, e a nobre cauda,  
Entre medos e assomos de hardimento  
Mover de leve e irresoluto aos ventos!

Um — era a luz fugaz facil prendida  
Nas plumas do algodão: luz que deslumbra  
E que em breve amortece: outro — faisca,  
Que surda, pouco e pouco vai lavrando  
Não vista e não sentida té que surge  
D'um jacto só, tornada incendio e fumo.

„Que viste, diz-lhe o emulo brioso,  
Só coalheiras de sangue inficionado,  
So tacápes e setas bipartidas,  
E corpos ja corruptos?! Eia, ó fraco,  
Embora em ocio ignavo aqui descances,  
E nos misteres feminis te adextres!

Ninguem te chama á vida dos combates,  
Não te almeja ninguem por companheiro,  
Nem ha-de o sonho teo acobardar-nos.  
É certo que haverá mortos sem conto,  
Mas não serenos nós; — setas partidas,  
As nossas, não; tacápes amolgados  
Mas os nossos verás mais bem talhantes,  
Quando houverem partido imigos craneos.

„Heróe, não em façanhas, mas nos dictos,  
Lidador que a vilesa d'alma encobres  
Com frases descorteses, — ja te virão,  
Pendentes braço e armas, contemplando  
Os feitos meos, pesar que sou cobarde.  
Essa infame tarefa que me incumbes,  
É minha, sim; mas por diverso modo:  
Não ministro cauím as vossas festas;  
Mas na refrega o meo trabalho é vosso.  
Da batalha no campo achacs defunctos,  
Vossa gloria e brasão, corpos sem conto,  
Cujas feridas largas e profundas,  
De largas e profundas, denuncião  
A mão que as sóe faser com tanto effeito.  
Não tenho espaço, onde recolha os ossos,  
Não tenho cinto, onde pendure os craneos,  
Nem collar onde caibão tantos dentes,  
De quantos venci já; por isso inteiros  
Lá vol-os deixo, heróes; e vós lá ides,

Em que me não queiraes por companheiros,  
Rivaes dos urubús, fortes guerreiros,  
Facil triumpho conquistar mas trevas,  
Aos vorazes tatús roubando a presa.“

Calou-se. e o vulgo rosna em torno d'ambos,  
D'este ou d'aquelle heróe tomando as partes.  
Pois que? ha-de ficar tamanha affronta  
Impune, e não haveis levar das armas,  
Por que o sangue a desbote e apague inteira?“

Disiãõ, — e a taes ditos mais fermenta  
A raiva em ambos; fasem-lhes terreiro,  
Já verga o arco, já se entesa a corda,  
Já batem pés no solo pulvurento:  
Corrêra o sangue de um, talvez o de ambos,  
Que sobre os dois a morte abraza as azas!

Silencio! brada o chefe dos Tymbiras,  
Interposto severo em meio de ambos;  
De um lado e outro a turba circumfusa  
Emmudece, — divide-as largo espaço,  
De cujo centro gyra os torvos olhos  
O heróe, e só de olhar lhe estende as raias.  
Assim de altivo pincaro descamba  
Enorme rocha, obstruindo o leito  
De um rio caudaloso: as fundas agoas,  
Latindo emvão na rocha volumosa,

Separão-se, cavando novos leitões,  
Em quanto o antigo se reseca e abrasa.

Silencio, disse; e em torno os olhos gyra,  
Fulgidos, negros: orgulhosas fronteas,  
Que aos golpes do tacápe não se dobrão  
Em torno sobre o peito vão cahindo  
Uma após outra: altivo um só apenas  
Rebelde arrosta o olhar! — rapido golpe,  
Rapido e forte, como o raio, o prostra  
Na arena em sangue! Mosqueado tigre,  
Se cae no meio de preás medrosos,  
Talvez no primo impulso algum afferra;  
Mas vê que foge a turba espavorida,  
Vulgacho imbelle! — ao misero que prende  
E torce ainda nas compridas garras,  
Longe, sem vida, desdenhoso o arroja.

Assim o heróe. Por longo tracto mudo,  
Soberbo e grande alfim mostrando o rio,  
Quedou sem mais diser; o rio ao longe  
As aguas, como sempre, magestosas  
Na gorja das montanhas derramava,  
Caudal, immenso. „Traz d'aquelles montes,  
Diz Itajuba, não sabeis quem seja?  
Affronta e nome vil haja o guerreiro,  
Que ousa lutas ferir, travar discordias,  
Quando o imigo boré tão perto sôa.“

Accorre o piaga em meio do conflicto,  
 „Prudencia, ó filho de Jaguar, exclama;  
 Nem mais sangue tymbira se derrame,  
 Que já não basta por pagar-nos deste,  
 Que derramaste, quanto houver nas veias  
 Dos perfidos Gamellas. O que ouviste,  
 Que o forte Japegoá diz ter sonhado,  
 Assella o que Tupan me está disendo  
 Cá dentro em mim nos decifrados sonhos,  
 Depois que os funestou propinquo sangue.“

„Devoto Piaga (Mojacá prosegue)  
 Que vida austera e penitente vives  
 Dos rochedos na lapa venerada,  
 Tu, dos genios do Ybáke bem fadado,  
 Tu face a face com Tupan praticas  
 E vês nos sonhos meos melhor qu'eu mesmo.  
 Escuta, e dise, ó venerando piaga,  
 (Benevolo Tupan teos ditos oiça)  
 Angoéra máo turbou-te a phantasia,  
 Afflicto Mojacá, teo sonho mente.“

Palavras taes no indio circumspecto,  
 Cujos labios emvão nunca se abrirão;  
 Guerreiro, cujos sonhos nunca forão,  
 Nem mesmo em risco estreito, pavorosos;  
 No vulgo frio horror vão trescalando,  
 Que entre a crença do piaga, e a deferencia  
 Devida a tanto heróe fluctua incerta.



„Eu vi, diz elle, vi em taba imiga  
 Guerreiro, como vós, comado e hirsuto!  
 A corda estreita do cruento rito  
 Os rins lhe aperta: a dura tangapema  
 Sobre-está-lhe fatal; — cantos se então  
 E a turba dansatriz em torno gyra.  
 Sonho não foi, que o vi, como vos vejo;  
 Mas não vos direi já quem fosse o triste!  
 Se visseis, como eu vi, a fronte altiva,  
 O olhar soberbo, — aquella força grande,  
 Aquelle riso desdenhoso e fundo  
 Talvez um só, nenhum talvez se encontre,  
 Que seja para estar no passo horrendo  
 Tão seguro de si, tão descaçado!“

Acaso um tronco volumoso e tosco  
 De escamas fortes entre si travadas  
 Alli perto jazia. Ogib, o velho,  
 Pae do errante Jatyr alli sentou-se,  
 Alli triste pensava, até que o sonho  
 Do afflicto Mojacá veio acordal-o.  
 „Tupan! que mal te fiz, que assim me colha  
 Do teo furor a seta envenenada?  
 Com voz chorosa e tremula clamava.  
 Escuto os gabos que só cabem nelle,  
 Vejo e conheço o costumado ornato  
 Do filho meo querido! isto que fôra,  
 A quem tão infeliz como eu não fosse,

Ventura grande, me constringe o peito!  
 Conheço o filho meo no que diceste,  
 Guerreiro, como a flôr pelo perfume,  
 Como o esposo conhece a grata esposa  
 Pelas usadas plumas da arassoya,  
 Que entre as folhas do bosque a espaços brilha.  
 Ai! nunca brilhe a flôr, se hão-de roel-a  
 Insectos; nunca vague a linda esposa  
 No bosque, se hão-de as feras devoral-a!“

A dor que mostra o velho em todo o aspecto,  
 Nas vozes por soluços atalhadas,  
 Nas lagrimas que chora, os move a todos  
 A triste compaixão; mas mais áquelle,  
 Que, antes do pobre pae, já todo angustias,  
 Da propria narração se enternecia.  
 As querellas de Ogib vólta o rosto  
 O fatal sonhador, — que, seo máo grado,  
 As setas da afficção tendo cravado  
 Nas entranhas de um pae, quer logo o suco,  
 Fresco e saudavel, do louvor, na chaga  
 Verter-lhe, dondê o sangue em jorros salta.

„Tal era, tão impavido (prosegue,  
 Fitando o velho Ogib) o seo desplante  
 Qual foi o de Jatyr n'aquelle dia,  
 Quando, novél nas artes do guerreiro,  
 Circundado se vio á nossa vista

D'imiga multidão: todos o vimos;  
 Todos da clara estirpe deslembrados,  
 Clamamos tristes, pavidos: „É morto!“  
 Elle porém que o arco usar não pode,  
 O valido tacápe desprendendo,  
 Sacode-o, vibra-o: fere, prostra e mata  
 A este, áquelle; e em volumosos feixes  
 Accerva a turba vil, lucrando um nome.  
 Tapyr, caudilho seo, que não supporta  
 Que um homem só e quasi inerme, o cubra  
 De tamanho labéo, altivo brada:  
 „Cede-me estulto, cede ao meo tacápe,  
 Que nunca ameaçou ninguem de balde.“  
 E assim disendo vibra crebros golpes,  
 Cõ a bruta folha retalhando os ares!  
 Um coiro de tapyr, em vez de escudo,  
 Rijo e piloso lhe guardava os membros.  
 Jatyr, do arco seo curvando as pontas,  
 Sacode a seta fina e sibilante,  
 Que vara o couro e o corpo e surge fóra.  
 Tomba de chofre o indio, e o som da queda  
 Remata o som que a voz não rematára.  
 Vista a pell' do tapyr, que o resguardava,  
 Japy, mesmo Japy lhe inveja o tiro.“

Todo o campo se afflige, todos clamão  
 „Jatyr, Jatyr! o forte entre os mais fortes.“  
 Ordem não ha; mulheres e meninos

Baralhão-se em tropel: o planto, os gritos  
 Confundem se: do velho Ogib emtanto  
 Mal se percebe a voz „Jatyr“ gritando.

Itajuba por fim silencio impondo  
 Á turba mulheril, e á dos guerreiros  
 Mesta batalha: „Consultemos, disse,  
 Consultemos o piaga: as vezes pode  
 O sancto velho, serenando o ybáke,  
 Amigo bom tornar o Deos malquisto.“

Mas ora não! — responde o piaga iroso.  
 Só quando ruge a negra tempestade,  
 Só quando a furia d'Anhangá fuzila  
 Raios do escuro céu na terra afflicta  
 Do piaga vos lembraes? Tarda lembrança,  
 Tarda e fatal, guerreiros! Quantas vezes  
 Não fui, eu mesmo, nos terreiros vossos  
 Fincar o sancto maracá? Debalde,  
 Debalde o fui, que á noite o achava sempre  
 Sem offertas, que aos Deoses tanto prasem!  
 Nu e despido o vi, como ora o vedes,  
 (E assim disendo mostra o sacrosanto  
 Mysterio, que de irado pareceo-lhes  
 Soltar mais rouco som no seo rugido)  
 Quem de vós se lembrou que o sancto Piaga  
 Na lapa dos rochedos se myrrhava  
 Á pura mingoa? Só Tupan, que ao velho,

Deo não sentir os dentes aguçados  
 Da fome, que por dentro o remordia,  
 E mais cruel, passada entre os seus filhos!“

Cegou-nos Anhangá, diz Itajuba,  
 Fincado o maracá nos meos terreiros,  
 Cegou-nos certo! — nunca o vi sem honras!  
 Que se o vira, bom piaga oh! não se diga  
 Que um homem só, dos meos, perece á mingoa,  
 (Quem quer que seja, quanto mais um Piaga)  
 Quando campeão tantos homens d'arco  
 Nas tabas de Itajuba, — tantas donas  
 Na cultura dos campos adextradas.  
 Hoje mesmo farei que ao antro escuro  
 Caminhem tantos dons, tantas offertas,  
 Que o teo sancto mysterio ha-de por força,  
 Quer o queiras, quer não, dormir sobre ellas!“

„Talvez a rica offrenda applaca os Deoses,  
 E saudavel conselho a noite inspira!“  
 Disse e sem mais diser se acolhe á gruta.

Á caça, ó meos guerreiros, brada o chefe:  
 Ledas donzellas ao cauim se appliquem,  
 Os meminos á pesca, á roça as donas,  
 Eia“ — Ferve o labor, reina o tumulto,  
 Que quasi tanto val como a alegria,  
 Ou antes, só praser que o povo gosta.

Já deslembados do que ausente chorão  
(Favor das turbas que tão leve passas!)  
Ledos no peito, ledos na apparencia  
Todos se incumbem da tarefa usada.

Trabalho no praser, praser que moras  
Dentro de tanto affan! festa que nasce  
Sob auspicios tão máos, possa algum genio,  
Possa Tupan sorrir-te carinhoso,  
E das alturas condoer-se amigo  
Do triste, orfão de amor, e pae sem filho!

---

CANTO QUARTO.

---





Bem vindo seja o fausto mensageiro,  
O melifluo Tymbira, cujos labios  
Distillão sons mais doces do que os favos,  
Que errado caçador na brenha inculta  
Por ventura topou! Hospede amigo,  
Ledo nuncio de paz, que o territorio  
Pisou de imigas hostes, quando a aurora  
Despontava nos céos — bem vindo seja!  
Não luz mais brando e grato o romper d'alva  
Que o teo sereno aspecto; nem mais doce  
A fresca brisa da manhã ciccia  
Pela selvosa encosta, que a mensagem  
Que o chefe imigo e fero anceia ouvir-te.  
Melifluo Jurucey, bem vindo sejas  
Dos Gamellas ao chefe, Gurupema,  
Senhor dos arcos, quebrador das setas,  
Das selvas rei, filho de Icrá valente.

Assim comsigo as hostes do Gamella:  
Comsigo só, que a usada gravidade

Já na garganta, a voz lhes retardava.  
Não veio Jurucey? Posto de frente,  
Arco e frecha na mão feito pedaços,  
Certo signal do respeitoso encargo,  
Por terra não lançou? — Que pois augura  
Tal vinda, a não ser que o audaz Tymbira  
Melhor conselho toma; e por ventura,  
De Gurupema receiando as forças,  
Amiga paz lhe off'rece, e em signal della  
Do vencido Gamella o corpo entrega?!  
Em bem! que a torva sombra vagarosa  
Do outrora chefe seo ha-de applacar-se,  
Ouvindo a mesta voz das carpideiras,  
E vendo no sarcophago depostas  
As armas, que no ybáke hão-de servir-lhe,  
E junto ao corpo, que foi seo, as plumas  
Em quanto vivo, insignias do mando.  
Embora ostente o chefe dos Tymbiras  
O ganhado tropheo; embora á cinta  
Ufano prenda o gadelhudo craneo,  
Aberto em crôa, do infeliz Gamella.  
Embora; mas porêm amigas quedem  
Do Tymbira e Gamella as grandes tabas;  
E largo em roda na floresta imperem,  
Que o mundo em peso, unidas, affrontarão!

Nascia a aurora: do Gamella as hostes  
Em pé, na praia, o mensageiro aguardão

Sisudos, graves. Hum caudal regato,  
 Cujo branco areial a prata imita,  
 Sereno alli volvia as mansas aguas,  
 Como que triste de as levar ao rio,  
 Que ao mar conduz a rapida torrente  
 Por entre a selva umbrosa e broncas penhas.  
 Esta a praia! — em redor troncos gigantes,  
 Que a folhagem no rio debruçavão,  
 Onde beber frescor os galhos vinhão,  
 Luxuriando em viço! — penduradas  
 Trepadeiras gentiz da coma excelsa,  
 Estrellando do bosque o verde manto  
 Aqui, alli, de flores scintillantes,  
 Meneiavão-se ao vento, como fitas,  
 De que se ennastra a coma a virgem bella.  
 Era um prado, uma varzea, um taboleiro  
 Com mimoso tapiz de varias flores,  
 Agrestes, sim, nas bellas. Genio amigo  
 Chegou-lhe só a magica vergasta!  
 Eil-as a prumo ao longo da corrente  
 Com requebros louçãos a ennamoral-a!

A nós de embira aos troncos amarradas  
 Quasi ygaras sem conto figuravão  
 Ousada ponte no correr das aguas  
 Por força mais qu'humana trabalhada.

Vê-as e pasma Jurucey, notando  
 O imigo poderio, e seo máo grado

Vae la eomsgo mesmo discorrendo:  
 „Muitos e fortes são nossos guerreiros;  
 Muitos, certo, e as nossas tabas fortes,  
 Itajuba inveneivel; mas da guerra  
 É sempre incerto o azar e sempre vario!  
 E ... quem sabe? talvez ... mas nunea, oh! nunca!  
 Itajuba! Itajuba! — onde ha no mundo  
 Posses que valhão contrastar seo nome?  
 Onde a seta que valha derribal-o,  
 E a tribu ou povo que os Tymbiras venção?!“

Entre as hostes que a si tinha fronteiras  
 Penetra! — tão galhardo era o seo gesto,  
 Tão sereno e guerreiro o seo desplante,  
 Que os Gamellas em si tão bem disserão:  
 — Missão de paz o traga, que se os outros  
 São tão feros assim, Tupan nos valha,  
 Sim, Tupan; que o não póde o rei das selvas!“

Hospedagem sincera emtanto off'recem  
 A quem talvez não tardará buseal-os  
 Com fina seta no leal combate.  
 Às ygaras o levão pressurosos,  
 Servem-lhe o piraken na guerra usado,  
 E os loiros dons do eolmeal agreste;  
 Servem-lhe amigos sueculento pasto  
 Em banquete frugal; servem-lhe taças  
 (A ver se mais que a fome o instiga a sede)

De espumoso cauím, — taças pesadas  
 Na funda noz da sapucaya abertas.  
 Sem temor o tymbira vae provando  
 O mel, o piraken, as iguarias;  
 Mas dos vinhos cohibe-se prudente.

Em remoto logar forma conselho  
 O rei das selvas, Gurupema, em quanto  
 Restaura o mensageiro os lassos membros.  
 Chama primeiro Caba-oçu valente;  
 As rispidas melenas corridias  
 Cortão-lhe o rosto, — pendem-lhe nas costas,  
 Hirtas e lisas, como o junco em feixes  
 Acamados no leito resequido  
 D'invernosa corrente. O rosto feio  
 Aqui, alli, negreja manchas negras  
 Como da bananeira a larga folha,  
 Colhida ao romper d'alva, q'uma virgem  
 Nas mãos lascivas machucou brincando.

Valente é Caba-oçu; mas sem piedade!  
 Como sedenta fera almeja sangue  
 E de malvada acção cruel se paga.  
 Apresou em combate um seo contrario,  
 Que mais imigo tinha entre os imigos:  
 Da guerra os duros vinculos lançou-lhe  
 E á terreiro o chamou, como é de usança  
 Para o triunfo bellico adornado.

Fiserão -lhe terreiro os mais d'entorno :  
Elle do sacrificio empunha a maça,  
Improperios assaca, vibra o golpe,  
E antes que tombe o corpo, afferra os dentes  
No craneo fulminado: jorra o sangue  
No rosto, e em gorgulhões se expande o cerebro,  
Que a fera humana rabida mastiga!  
E em quanto limpa á desgrenhada coma  
Do sevo pasto o esqualido sobejo,  
Barbaras hostes do Gamella torcem,  
Á tanto horror, o transtornado rosto.

Vem Jepiaba, o forte entre os mais fortes,  
Tayatu, Tayatinga, Nupançaba,  
Tucura o agil, Cravatá sombrio,  
Andyra, o sonhador de agouros tristes,  
Que elle é primeiro a desmentir co' as armas,  
Piréra que jamais não foi vencido,  
Itapeba, rival de Gurupema,  
Okena, que por si vale mil arcos,  
Escudo e defensão dos seos que ampara;  
E outros, e muitos outros, cuja morte  
Não foi sem gloria no cantar dos bardos.

Guerreiros! Gurupema assim começa,  
Antes de ouvir o mensageiro estranho  
Consultar-vos me é força; a nós incumbe  
Vingar do rei da selva a morte indigna.

Do que morreo, em que lhe seja eu filho,  
Estende-se o dezar sobre nós todos,  
E a todos nós da gloriosa herança  
Cômpete o desaggravo. Se nos busca  
O filho de Jaguar, é que nos teme;  
A nossa furia por ventura intenta  
Voltar a mais amigo sentimento.  
Talvez do vosso chefe o corpo e as armas  
Com larga pompa nos envia agora:  
Basta-vos isto?

Guerra! guerra! exclamão.

Notae porém quanto é pujante o chefe,  
Que os Tymbiras dirige. Sempre o segue  
Facil victoria, e mesmo antes da luta  
As galas triunfaes dispõe seguro.

„Embora, disem uns: outros murmurão,  
Que de tão grande heróe qual quer que seja  
A offerta expiatoria, em bem, se aceite.  
Outros porém, e a maior parte, incertos  
Vacillão no conselho. A injuria e grande,  
Bem fundo a sentem, mas bem grande é o risco.

„Se o orgulho desce a ponto no Tymbira,  
Que pases nos propõe, diz Itapeba  
Com dura voz e cavernoso accento,  
Já está vencido! — Alguem pensa o contrario

(E com despeito a Gurupema encara)  
 Alguem, não eu! Se havemos de barato  
 Dar-lhe a victoria, humildes aceitando  
 O triste cambio (a ideia só me irrita)  
 De um morto por um arco tão valente,  
 Aqui as armas vis faço pedaços  
 Em breve tracto, e vou-me a ter com esse,  
 Que sabe leis dictar, mesmo vencido!“

Como tormenta, que rouqueja ao longe  
 E som confuso espalha em surdos echos;  
 Como rapida frecha corta os ares,  
 Já perto sôa, já mais perto brame,  
 Já sobrançeira emfim roncando estala:  
 Nasce fraco rumor que logo cresce,  
 Avulta, ruge, horrisono rimbomba,  
 Okena! Okena! o heróe nunca vencido,  
 Com voz troante e procellosa exclama,  
 Dominando o rumor, que longe echôa.

„Fujão timidas aves aos lampejos  
 Do raio abrasador, — medrosas fujão!  
 Mas não será que o heróe se acanhe ao vel-os!  
 Itapeba, só nós somos guerreiros;  
 Só nós, que a olhos nús fitando o raio,  
 Da gloria a senda estreita á par trilhamos.  
 Tens em mim quanto sou e quanto valho,  
 Armas e braço emfim!“



Eis rompe a densa  
 Turba que d'entorno d' Itapeba  
 Formidavel barreira alevantava.

Quadro pasmoso! os dois de mãos travadas,  
 Sereno a aspecto, placido o semblante,  
 Á furia popular se apresentavão  
 De constancia e valor somente armados.  
 Erão escólhos gemeos, empinados,  
 Que a furia de um vulcão ergueo nos mares.  
 Eterno alli serão co'os pés no abysmo,  
 Cõ os negros cimos devassando as nuvens,  
 Se outra força maior os não affunda.  
 Ruge embalde o tufão, embalde as vagas  
 Do fundo pégo á flôr do mar borbulhão!

Estranha a turba, e pasma o desusado  
 Arrojo, que jamais assim não virão!  
 Mas mais que todos Caba-oçu valente  
 Enleva-se da acção que o maravilha;  
 E de nobre furor tomado e cheio,  
 Clama altivo. „Eu tambem serei comvosco,  
 Eu tambem, que a só mercê vos peço  
 De haver ás mãos o perfido Tymbira.  
 Seja, o que mais lhe apraz, invulneravel,  
 Que d'armas não careço por vencel-o.  
 Aqui o tenho, — aqui commigo o apérto,  
 Estreitamente o apérto nestes braços

(E os braços mostra e os peitos musculosos)  
Ha-de medir a terra já vencido,  
E orgulho e vida perderá co' o sangue,  
Arrã soprada, que um menino espoca!“

E bate o chão, e o pé na areia enterra,  
Orgulhoso e robusto: o vulgo applaude,  
De prazer e rancor soltando gritos  
Tão altos, taes, como se alli tivera  
Aos pés, rendido e morto o heróe Tymbira.

Por entre os alvos dentes que branquejão,  
Ri-se o praser nos labios do Gamella.  
Ao rosto a côr lhe sobe, aos olhos chega  
Fugaz clarão da raiva que aos Tymbíras  
Votou de ha muito, e mais que tudo ao chefe,  
Que o espolio paternal mostra vaidoso.

Com gesto senhoril silencio impondo  
Alegre aos tres a mão callosa offrece,  
Rompendo nestas vozes: „Desde quando  
Cabe ao soldado pleitear combates  
E ao chefe em ocio vil viver seguro.  
Guerreiros sois, que os actos bem n'ó provão;  
Mas se vos não apraz ter-me por chefe,  
Guerreiro tãobem sou, e onde se ajuntão  
Guerreiros, hão-de haver logar os bravos!  
Serei comvosco, — disse. E aos tres se passa.

São batidos arcos, rompem gritos  
 Do festivo praser, sobe de ponto  
 O ruidoso applaudir. Só Itapeba,  
 Que ao seo rival deo azo de triunfo,  
 Mal satisfeito e quasi irado rosna.

Um Tapuya, guerreiro adventicio,  
 Filhado aeaso á tribu dos Gamellas,  
 Pede attenção, — prestão-lhe ouvidos todos.  
 Estranho é eerto; porém longa vida  
 A velhiee robusta lhe autorisa.  
 Muito ha visto, soffreo muitos revezes,  
 Longas terras eorreio, aprendeo muito;  
 Mas quem é, donde vem, qual é seo nome?  
 Ninguém o sabe: elle o não disse nunca.  
 Que vida teve, a que nação pertence,  
 Que azar o trouxe á tribu dos Gamellas?  
 Ignora-se tambem. Nem mesmo o chefe  
 Perguntar-lh'o se atreve. É forte, é sabio,  
 É velho e experiente, o mais que importa?  
 Chamem-lhe o forasteiro, é quanto basta.  
 Se á caça os aconselha, a eação abunda;  
 Se á pesea, os rios eobrem-se de peixes;  
 Se á guerra, ai da nação que elle indigita!  
 Valem seos ditos mais que valem sonhos,  
 E aeerta mais que os piagas nos conselhos.

„Maneebo (assim diz elle a Gurupema)  
 Já vi o que por vós não será visto,

Immensas tabas, barbaros imigos,  
Como nunca os vereis; andei já tanto,  
Que o não fareis, andando a vida inteira!  
Estranhos casos vi, chefes pujantes!  
Tabyra, o rei dos bravos Tobajaras,  
Alkindar, que talvez já não exista,  
Ipperú, Jeppipó de Mambucaba,  
E Konian, rei dos festins guerreiros;  
E outros, e outros mais. Pois eu vos digo,  
Acção, que eu saiba, de tão grandes Cabos,  
Como a vossa não foi, — nem tal façanha  
Fiserão nunca, e sei que forão grandes!  
Itapeba entre os seos não encontráras,  
Que não pagasse com seo sangue o arrojo  
De tanto as claras por-se-lhes contrario.  
Mas quem do humano sangue derramado  
Por ventura se peja? — em que logares  
A gloria da peleja horror infunde?  
Ninguem, nemhures, ou somente aonde,  
Ou só áquelle que ja vio tingidas  
Crúas vagas de sangue; e os turvos rios  
Mortos por tributo ao mar volvendo.  
Vi-as eu, inda novo; mas tal vista  
Do humano sangue saciou-me a sede.  
Ouví-me, Gurupema, ouvi-me todos:  
Da sua tentativa o rei das selvas  
Teve por premio o lacrimoso evento:  
E era chefe brioso e bom soldado!

Só não pôde soffrer que alguém dicesse  
Haver outro maior tão perto d'elle!  
A vaidade o cegou! hardida empresa  
Commetteo, mas por si: de fóra, e longe  
Os seos o virão deslindar seo pleito.  
Vencido foi a vossa lei de guerra,  
Barbara, sim, mas lei, — dava ao Tymbira  
Usar, como elle usou, do seo triumpho.  
A que pois fabricar novos combates?  
Por que emprehendel-os nós, quando mais justos  
Os Tymbiras talvez mover poderão?  
Que vos importa a vós vencer batalhas?  
Tendes rios piscosos, fundas matas,  
Innumeros guerreiros, tabas fortes;  
Que mais vos é mister? Tupan é grande:  
De um lado o mar se estende sem limites,  
Pingues florestas d'outro lado correm  
Sem limites tambem. Quantas ygaras,  
Quantos arcos houvermos, nas florestas,  
No mar, nos rios caberão ás largas:  
Por que então batalhar? por que insensatos,  
Buscando o inutil, necessario aos outros,  
Sangue e vida arriscar em nescias lutas?  
Se o filho de Jaguar traser-nos manda  
Do chefe desditoso o frio corpo,  
Aceite-se se não voltemos sempre,  
Ou com elle, ou sem elle, ás nossas tabas,  
Ás nossas tabas mudas, lacrimosas,

Que hão -de certo enlutar nossos guerreiros,  
Quer vencedores voltem, quer vencidos.“

Do forasteiro, que tão solto falla  
E tão livre argumenta, Gurupema  
Peza a prudente voz, e alfim responde:  
„Tupan decidirá“ — Oh! não decide,  
(Como comsigo diz o forasteiro)  
Não decide Tupan humanos casos,  
Quando imprudente e cego o homem corre  
D'encontro ao fado seo: não valem sonhos,  
Nem da prudencia meditado aviso  
Do atalho infausto a desviar-lhe os passos!“

O chefe dos Gamellas não responde;  
Vae pensativo demandando a praia,  
Onde o Tymbira mensageiro o aguarda.

Reina o silencio, sentão-se na arena,  
Jurucey, Gurupema e os mais com elles.  
Amiga recepção, — alli não viras  
Nem pompa oriental, nem galas ricas,  
Nem armados salões, nem côrte egregia.  
Nem regios paços, nem caçoilas fundas,  
Onde a cheirosa goma se derrete.  
Era tudo singelo, simples tudo,  
Na carencia do ornato — o grande, o bello,  
Na propria singelesa a magestade.

Era a terra o palacio, as nuvens tecto,  
 Columnatas os troncos gigantescos,  
 Balcões os montes, pavimento a relva,  
 Candelabros a lua, o sol e os astros.

Lá estão na branca areia descãçados.  
 Como festiva taça n'um banquete,  
 O caximbo de paz, correndo em roda,  
 De fumo adelgaçado cobre os ares.  
 Almejão, sim, ouvir o mensageiro,  
 E mudos são comtudo: não dissera,  
 Quem quer que os visse alli tão descuidosos,  
 Que ardor inquieto e fundo os anciava.

O forte Gurupema alfim começa  
 Após congruo silencio, em voz pausada:  
 Saude ao nuncio do Tymbira! disse.  
 Tornou-lhe Jurucey: „Paz aos Gamellas,  
 Renome e gloria ao chefe seo preclaro!  
 — A que vens pois! Nos te escutamos: falla.  
 „Todos vós, que me ouvis, vistes boiantes,  
 A mercê da corrente, o arco e as setas  
 Feitas pedaços, por mim mesmo inuteis.“

„E de t'ó ver folguei; mas quero eu mesmo  
 Ouvir dos labios teos quanto imagino.  
 Acata-me Itajuba, e de medroso  
 Tenta poupar aos seos tristesa e luto?

A flôr das Tabas suas talvez manda  
 Traser-me o corpo e as armas do Gamella,  
 Vencido, em mal, no desleal combate!  
 Pois seja, que talvez não queira eu sangue;  
 E do justo furor quebrando as setas  
 Mas dise-o tu primeiro        Nada temas;  
 É sagrado entre nós guerreiro inerme,  
 E mais sagrado o mensageiro estranho.“

Treme de pasmo e colera o Tymbira,  
 Ao ouvir tal discurso. — Mais sorprezo  
 Não fica o pescador, que mariscando  
 Vae na maré vasante, quando avista  
 Envolto em lodo um tubarão na praia,  
 Que reputa sem vida; passa rente,  
 E co' as malhas da rede acaso o açoita  
 E a desleixo: — feroz o monstro acorda,  
 E escancarando as fauces mostra nellas  
 Em sete filas alinhada a morte!  
 Tal ficou Jurucey, — não de receio,  
 Mas de surpresa attonito; — o contrario,  
 Que de o ver merencorio não se agasta,  
 A que proponha o seo encargo o anima.

„Não ignavo temor a voz me embarga;  
 Emmudeço de ver quão mal conheces  
 Do filho de Jaguar os altos brios!  
 Esta a mensagem que por mim vos manda:



Tres grandes tabas, onde heróes pullulão,  
 Tantos e mais que vós, tanto e mais bravos,  
 Cahidas a seos pés a voz lhe escutão.  
 Não quer dos vossos derramar mais sangue:  
 Tigre eevado em carnes palpitanter,  
 Regeita a faeil preza; nem o tenta  
 De perjuros haver tropheos sem gloria.  
 Em quanto pois a maça não sopeza  
 Em quanto no carcaz dormem-lhe as setas  
 Immoveis — attendei! — cortae no bosque  
 Troncos robustós e frondosas palmas  
 E novas tabas construi no campo,  
 Onde o corpo cahio do rei das selvas,  
 Onde empastado inda enrubece a terra  
 Sangue d'aquelle heróe que vos infama!  
 Aquella briga emfim de dois, tamanhos  
 Signalae; por que estranho caminheiro  
 Amigas vendo e juntas nossas tabas,  
 E a fé que usais guardar, sabendo, exelamem:  
 Vejo um povo de heróes, e um grande chefe!“

Em quanto escuta o mensageiro estranho,  
 Gurupema, talvez sem que o sentisse,  
 Vae pouco e pouco erguendo o corpo inteiro.  
 A baça cor do rosto é sempre a mesma,  
 O mesmo o aspecto, — a valida postura  
 A quem de longe o vé, somente indiea  
 Vigor deseommunal, e a gravidade

Que os proprios Indios por incrível notão.  
 Era uma estatua, excepto só nos olhos,  
 Que por entre as emvão cahidas palpebras  
 Clarão funereo derramava emtorno.

„Quero ver que valor mostras nas armas,  
 (Diz ao Tymbira, que a resposta aguarda)  
 Tu que arrogante, em frases descorteses,  
 Guerra declaras, quando paz off'reces.  
 Quebraste o arco teo quando chegaste,  
 O meo te off'reço! O quebrador dos arcos  
 Nos dons por certo liberal se mostra,  
 Quando o seo arco off'rece: julga e pasma!“

E o arco empunha! outro não foi como elle!  
 Artifice de nome em seos labores  
 Mais de um anno gastára em fabrical-o.  
 As pontas levemente recurvadas  
 Cabeças de bicephala serpente  
 Figuravão, — iguaes no peso e forma:  
 Melhor que nenhum outro equilibrado,  
 Lavrados os desenhos com tal arte,  
 Que sem tirar-lhe a força, mais flexivel,  
 Mais pesado o tornavão com mais graça.

Do pejado carcaz tira uma seta,  
 Na corda a ageita, — o arco enteza e curva,  
 Atira, — sôa a corda, a frecha vôa

Com silvos de serpente. Sobre a copa  
D'uma arvore frondosa descançava  
Ha pouco um cenemby, — frechado agora  
Despenha-se no rio, sopra iroso,  
A cortante serrilha embora erriça,  
Co'a dura cauda embora açoita as aguas;  
A corrente o conduz, e em breve tracto  
O hastil da frecha sobre-nada á prumo.

Podera Jurucey, alçando o braço,  
Poupar acção tão baixa áquelles bosques,  
Onde os guerreiros de Itajuba imperão.  
Immovel, mudo contemplou no rio  
De chofre o cenemby cahir frechado,  
Lutar co'a morte, ensanguentando as aguas,  
Desparecer, — a voz por fim levanta.

„Ó rei das selvas, Gurupema, escuta:  
Tu, que medroso em face d'Itajuba  
Não ousáras tocar o pó que o vento  
Nas folhas dos seos bosques deposita;  
Senhor das selvas, que de longe o insultas,  
Por que me vês aqui sosinho e fraco,  
Fraco e sem armas, onde armado imperas;  
Senhor das selvas (que antes frecha accesa  
Sobre os tectos houvesse arrojado,  
Onde as mulheres tens e os filhos caros)  
Nunca miraste um alvo mais funesto

Nem tiro mais fatal vibraste nunca,  
 Com lagrimas de sangue has de choral-o,  
 Maldisendo o logar, o ensejo, o dia,  
 O braço, o força, o animo, o conselho  
 Do delicto infeliz que vae perder-te!  
 Eu, sosinho entre os teos que me rodeião,  
 Sem armas, entre as armas que descubro,  
 Sem medo, entre os medrosos que me cercão,  
 Em tanta solidão seguro e ousado,  
 Rosto a rosto contigo, e no teo campo,  
 Digo-te, ó Gurupema, ó rei das selvas,  
 Que és vil, qu'es fraco!

Sibilante frecha

Rompe da turba-multa e crava o braço  
 Do ousado Jurucey, qu'inda fallava.

„É seguro entre vós guerreiro inermes,  
 E mais seguro o mensageiro estranho!  
 Disse com riso mofador nos labios.  
 Aceito o arco, ó chefe, e a treda frecha,  
 Que vos heide tornar, ultriz da offensa  
 Infame, que Aymorés nunca sonhárão!  
 Ide, correi, quem vos impede a marcha?  
 Vingae esta corrente, não mui longe  
 Os Tymbiras estão! — Voltae da empresa  
 Com este feito heroico rematado;  
 Fugi, se vos apraz; fugi, cobardes!

Vida por gota pagareis meo sangue;  
Por onde quer que fordes de fugida  
Vae o fero Itajuba perseguir-vos  
Por agua ou terra, ou campos, ou florestas;  
Tremei! . . .

E como o raio em noite escura  
Cegou, desaparece! De timorato  
Procura Gurupema o autor do crime,  
E autor lhe não descobre; inquire . . . embalde!  
Ninguem foi, ninguem sabe, e todos virão.

---



## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).